

Protagonismo Local

O Futuro Indígena¹ das Missões

Jay Matenga

Um seminário apresentado originalmente para a conferência Wycliffe Global Alliance/SIL "Together in Christ 2021".

Nesta transcrição, Jay convoca a comunidade de missões globais a priorizar o local, quer dizer, priorizar os destinatários nativos do evangelho. Ao invés de "descentrar" a influência do estrangeiro, ele encoraja um centramento: uma apreciação empática da perspectiva do nativo em relacionamentos de missões transculturais. Jay afirma que a graça de Deus é experimentada de formas diferentes entre diferentes grupos de pessoas, de maneira que a experiência particular ou local pode ser compartilhada como uma bênção com a igreja universal ou global (o corpo de Cristo). A interação amorosa em nossos relacionamentos integrados em Cristo é um meio para o amadurecimento dos santos e um testemunho ao mundo, a fim de que os incrédulos não somente creiam mas também conheçam.

Sou maori por parte de pai. Meu avô paterno (o pai de meu pai) tem ascendência exclusivamente maori. Mas fui criado por minha mãe e meu padrasto, ambos descendentes de europeus. Fui educado como uma pessoa branca sob o sobrenome do meu padrasto, que manteve durante a primeira parte da minha vida. Ninguém jamais questionou que eu fosse uma pessoa branca devido ao tom da minha pele e ao sobrenome do meu padrasto. O fato de eu ser instintivamente maori foi por muito tempo uma fonte de confusão para mim e para aqueles que penosamente trabalharam junto comigo! Mas finalmente aprendi a aceitar meu hibridismo.

Este é o meu local, a lente pela qual vejo o mundo. Intuitivamente maori, embora educado no Ocidente. Meu senso visceral das coisas nativas – meus valores e filosofias – fez com que eu sistematicamente questionasse o que me era ensinado. O que meus professores e a maioria dos meus colegas tomavam como realidade, eu não conseguia aceitar tão facilmente: não se encaixava em como eu percebia o mundo. Eu me peguei perguntando: "quem disse?" e "qual é o sentido disso?" – quem disse que tem de ser assim e não de

outra maneira, e o que eles têm a ganhar dizendo que as coisas são assim? Fiz essas perguntas porque podia intuir que havia alternativas.

Identifico-me como uma pessoa indígena – um maori. Também me identifico como seguidor de Jesus, o Cristo. Sou um estudante do Caminho, como é descrito na Bíblia Protestante. Sou antes de tudo um maori (ou, se você preferir que eu seja mais específico geneticamente, um híbrido maori-europeu). E,

¹ Nota do Tradutor: da forma como usado pelo autor, o adjetivo *indigenous* não se limita ao que, no Brasil, poderia ser identificado com os índios (embora os índios brasileiros também estejam abarcados pelo conceito). O sentido básico é de "local", "nativo", mas acaba transcendendo esta ideia básica, em razão da contraposição feita, na sequência do texto, entre "indígena" e "industrial" (e essa antítese representa outra forma original de o autor expressar suas ideias e construir seu raciocínio). Apesar das dificuldades encontradas na transposição de uma língua para a outra, preferiu-se a tradução mais literal do termo (*indigenous* para "indígena"), inclusive como forma de manter os paralelismos e a linha de raciocínio do original.

como maori, sigo Jesus. Penso que esta é uma perspectiva criticamente importante. Geneticamente, nunca deixarei de ser o que sou, e trago isso para minha experiência de fé e para os meus relacionamentos. E, o que talvez seja ainda mais importante, trago minha identidade genética e étnica comigo para as expressões locais da comunidade pactual a que todos os seguidores de Cristo pertencem, em virtude de nossa aliança de submissão a Ele.

No Hemisfério Norte, há entre os seguidores de Jesus o mito de que devemos desistir de nossas identidades étnicas ou culturais para seguir algo chamado de “cultura bíblica”. Segundo eles, essa perspectiva teria o apoio do apóstolo Paulo, que afirmou aos gálatas não haver mais diferença entre uma cultura ou a outra, escravo ou livre, macho ou fêmea, pois todos somos um em Cristo – contudo, o que eles chamam de “cultura bíblica” é, na maioria das vezes, sua interpretação da cultura bíblica.

Além disso, em Gálatas Paulo estava falando de igualdade, de renúncia ao poder, ao privilégio e ao domínio sobre os outros, e não sobre nossas identidades genéticas. Na terminologia da presente apresentação, Paulo nos ensina consistentemente a descentralizar nossas preferências pelo bem dos outros. Em Cristo, não podemos deixar de ser quem somos etnicamente, assim como não podemos abandonar nosso gênero biológico. Permanecemos homem ou mulher, além de qualquer mistura de maori, chinês, indonésio, papua ou europeu que sejamos. No entanto, os privilégios de nossa etnia e status social não são algo a ser valorizado, exercido ou imposto. Em Cristo nós os rendemos ou entregamos para nos tornarmos servos uns dos outros – pois esta é a atitude de Cristo, de acordo com Paulo em Filipenses 2:5-8.

Não existe um ideal cultural globalmente homogêneo para os seguidores de Cristo. Nossa unidade, conforme afirmada pelo próprio Senhor em João 17, não exige uniformidade ou conformidade com as

preferências dos outros. O Novo Testamento fala de unidade na diversidade, uma unidade em constante tensão. Assim como um instrumento precisa estar afinado (quer dizer, com suas cordas devidamente tensionadas) para produzir uma nota harmônica, não existe harmonia relacional em comunidade sem conflito persistentemente resolvido – reconciliação perpétua. A diversidade identificável em nossa fé é um dado. Na consumação de todas as coisas permanecem diferentes nações, tribos, povos e línguas. Essas diversidades permanecem como presentes de Deus. Pois Deus se manifesta de maneira única através de cada expressão cultural no mundo. Não há ninguém que domine, nem ninguém a quem seja permitido moldar o Corpo global de Cristo à sua imagem.

Como um seguidor maori de Jesus, o Cristo, trago as bênçãos que recebo de Deus via minha herança e perspectiva indígenas para Sua comunidade global de aliança como bênçãos a serem compartilhadas – para adicionar ao nosso conhecimento coletivo de Deus, de maneiras bíblicamente autênticas. Mas preciso deixar claro que as ideias que compartilho não são as opiniões das organizações a que sirvo ou que represento. É, no entanto, por minha contribuição para um debate mais amplo dentro de minhas esferas de influência que essas oportunidades se abrem para mim. Este é apenas quem eu sou, e esta é minha oferta a Deus e à comunidade global de seguidores de Cristo.

Nesta apresentação, introduzirei três temas interconectados, os quais acredito que precisamos entender à medida que as missões avançam para uma nova era pós-pandemia. Os três temas são: Indigeneidade, Influência e Integração. Indigeneidade: valores coletivistas e determinação local. Influência: a localização e aplicação do poder. Integração: honra, participação mútua e crescimento.

1. Indigeneidade

1.1. Interpretação

O termo indígena² significa literalmente “da terra”. Portanto, isso implica conexão com um local específico. Em muitos contextos, essa palavra atraiu um sentido negativo que diminuiu a dignidade das pessoas consideradas indígenas [nativos ou locais]. Foi tratada como os conceitos de “primitivo”, “subdesenvolvido”, “incivilizado” ou “animista”. Os nativos eram vistos como inferiores por seus colonizadores e, em muitos casos, ainda são considerados assim. Nos últimos tempos, no entanto, o termo ganhou maior status e há um sentimento de orgulho retornando à ideia de ser “indígena”.

Meu uso da palavra “indígena” em um sentido missiológico está enraizado na definição da ONU de indigeneidade, mas se estende mais além para descrever os valores integrados de pessoas em todo o mundo que têm uma orientação coletivista. Contrasto esse ecossistema indígena com aquele que é dominado por uma perspectiva individualista, que chamo de ecossistema industrial.

Em vez de contrapor o mundo ocidental ao mundo majoritário não-ocidental (em desenvolvimento, ou o “terceiro mundo”), acentuando suas divisões geográficas, demográficas e econômicas, prefiro ver o mundo como dois grandes domínios de conhecimento ou ecossistemas epistêmicos: o indígena e o industrial, com influência sobreposta e hibridização entre os dois se desenvolvendo.

Para mim, o domínio indígena é mais um conjunto de valores e uma forma de ver o mundo do que uma geografia específica. Embora possam ser formados em um determinado lugar, os valores são mantidos e transmitidos pelos indígenas que transcendem sua localização de origem. Pessoas deslocadas podem achar difícil manter sua identidade coletivista, mas não é impossível.

Nossas convicções e valores continuam conosco por muito tempo depois de termos deixado a terra que nos nutriu ou nossos antepassados. Incluo todos os povos de orientação coletivista na categoria “indígena” porque há muitas semelhanças compartilhadas por pessoas cuja cultura ainda é muito guiada pelos ideais, princípios, prioridades e responsabilidades de um coletivo.

Em contraste com os indígenas, aqueles classificados como industriais pertencem ou se adaptaram a filosofias iluministas industriais ocidentais que influenciaram tanto a política, a educação e o comércio em todo o mundo que não podem mais ser geograficamente vinculados ao Ocidente euro-americano (colonial). Gerações sucessivas de pessoas anteriormente coletivistas, educadas em universidades de estilo ocidental e vivendo em centros urbanos, tornaram-se hibridizadas com valores industriais individualistas até certo ponto.

Valores industriais, decorrentes do dualismo iluminista ocidental, continuam sendo a influência dominante no cenário mundial, mas as crises que a COVID-19 acelerou estão expondo as inadequações desses valores. Os valores coletivistas dos indígenas estão entrando em foco como o caminho a seguir, com potencial para fornecer soluções para problemas como pobreza, poluição e agitação política.

Quando Jason Mandryk, da organização “Operation World”, me perguntou em março de 2020 o que eu pensava sobre o futuro das missões à luz da crise emergente do COVID-19, considerei o fechamento iminente das fronteiras e o efeito que isso teria nos ministérios transfronteiriços. Eu lhe disse que isso poderia muito bem ser o catalisador pelo qual alguns de nós estávamos esperando para marcar uma nova era de missões. Ele me citou dizendo: “O futuro das missões é indígena”. O contraste entre indígena e industrial é aquilo a

² Ver a nota de rodapé anterior.

que me referia, mas eu também tinha em mente a necessidade de inovações locais muito maiores e a “guarda”³ nas missões.

Ao mesmo tempo em que os valores coletivistas dos indígenas podem ajudar as missões globais a navegar para o futuro de Deus, também acredito que a “guarda local” será criticamente importante nos próximos dias. Retirei o conceito de “guarda” da minha experiência com coletivos, onde a ideia de propriedade pessoal ou mesmo grupal é estrangeira. A “guarda” tem uma qualidade protetora e nutritiva, com foco na sustentabilidade. Os “guardiões” são aqueles que cuidam do que é precioso para o grupo ou comunidade, para o coletivo. Embutida na ideia de “guarda” está a responsabilidade de proteger a autodeterminação de um grupo – a capacidade de aqueles que são locais numa área terem a liberdade de tomar as melhores decisões para seu próprio bem-estar.

1.2. Implicações

Durante a maior parte da história do movimento missionário moderno, os missiologistas aceitaram a indigenização da igreja, onde as expressões da fé cristã correspondiam às preferências culturais daqueles que a professavam. Mas a própria boa notícia foi fixada como um conjunto de axiomas proposicionais a serem traduzidos para os habitantes das culturas, que se supunha serem bastante estáticos. O princípio da unidade homogênea está relacionado a esse conceito de uma cultura fixa claramente definível. Em meados dos anos 70, no entanto, as discussões sobre a indigenização das expressões da igreja rapidamente saíram de moda. Talvez tenha se tornado algo tão aceito que não era mais controverso o suficiente para ser discutido. Seu lugar no discurso missiológico foi ocupado pela ideia de contextualização do evangelho.

Rastreei a mudança de “indigenização” para “contextualização” até um artigo reproduzido no livro *Mission Trends No. 3: Third World Theologies* (editado por Anderson & Stransky e publicado pela Eerdmans em 1976). O capítulo, intitulado “Contextualizando a Teologia”, é uma versão mais curta de um artigo de Shoki Coe, então diretor do Fundo Teológico do Conselho Mundial de Igrejas, originalmente escrito em 1973. No artigo, Coe defende uma mudança da indigenização estática orientada para o passado para uma contextualização dinâmica orientada para o futuro, onde o evangelho encontra a cultura no diálogo e ambos são mutuamente influenciados no processo. Isso é obviamente problemático se você sustenta que o evangelho é um conjunto de proposições universais que apenas precisam ser traduzidas o suficiente para serem entendidas em outro idioma.

No entanto, se entendermos o evangelho como uma narrativa relacional, é mais fácil aceitar que, quando Cristo encontra a cultura, a história se adapta de acordo com a perspectiva dinâmica da cultura receptora. Existem elementos necessários para uma narrativa evangélica autêntica, mas o cenário, os personagens e o enredo são livres para se desdobrar de maneiras surpreendentes e únicas. O evangelho como uma mercadoria, um conjunto pré-empacotado de conceitos cognitivos, não é a razão pela qual as comunidades de seguidores de Cristo se espalharam ao redor do mundo ao longo dos séculos. Pesquisadores do cristianismo global argumentam que é um cristianismo indígena, não transplantado, que cria raízes e se espalha. Além disso, como mostra o trabalho de Lamin Sanneh, a Bíblia na língua nativa de um povo, lida pelas lentes indígenas desse povo e aplicada ao seu relacionamento com Deus em meio aos desafios locais, é o combustível que acelera esse crescimento.

³ Nota do Tradutor: O autor introduz um termo em inglês *guardianship*, que será definido por ele e usado com um sentido técnico na sequência. Na falta de opção melhor

no português, optou-se na tradução pela expressão “guarda”, a qual será identificada entre aspas para aludir ao caráter técnico do conceito empregado pelo autor.

Infelizmente, porém, uma compreensão estática da cultura persiste nas missões de hoje. Podemos ter trocado os termos “indigenização” por “contextualização”, mas o resultado permanece o mesmo – porque o conceito é propriedade de estrangeiros. Ainda vemos as culturas de forma estática e estereotipada. Usamos conceitos como “cosmovisão” com sua rigidez estrutural que não envelheceu bem. Objetivamos, despersonalizamos e negligenciamos apreciar a realidade viva dos outros como uma dinâmica, afetada de inúmeras maneiras por forças que constantemente influenciam a eles mesmos, a suas comunidades e a suas sociedades.

As culturas são ecossistemas dinâmicos de compreensão sobre o mundo a partir da perspectiva de uma determinada localidade e/ou rede. Construções antropológicas clássicas de cultura devem dar lugar a conceitos emergentes que explicam o dinamismo interconectado de pressupostos centrais, formas de conhecimento, sistemas de valores, motivadores comportamentais e consequências das complexas e mutantes ecologias que vivenciamos como culturas.

Nos anos 70, a contextualização pode ter tentado adicionar um dinamismo ao desenvolvimento do evangelho em uma determinada localidade, mas acredito que o conceito há muito foi cooptado pelo complexo industrial missionário para significar funcionalmente “traduzir o NOSSO conceito de evangelho no contexto cultural de outro”. Considero isso parte de um domínio industrial das missões, que argumento ter sido governado por uma “missiologia impositiva”, enraizada em valores e métodos iluministas/colonialistas.

Estou defendendo um retorno à indigeneidade e um descarte da contextualização em sua forma impositiva e cognitivamente vinculada. O evangelho não é um conjunto de conceitos cognitivos que são traduzidos a partir de fora para outra cultura por missionários

expatriados. É uma narrativa da fidelidade de Deus emergindo da experiência relacional e dos modos de conhecer daqueles que vêm a conhecer a Cristo dentro de um contexto particular. É antes de tudo um relacionamento espiritual que cresce, guiado pelas Escrituras. Ao rotulá-lo de indígena, estou me juntando a uma longa linha de teólogos do chamado “Mundo da Maioria” que defendem uma centralização da experiência local e uma interpretação localizada dessa experiência em Cristo.

Isso levanta questões que envolvem ortodoxia teológica e sincretismo. Devemos ser flexíveis e permitir que os seguidores de Cristo em lugares específicos cresçam em seu relacionamento com Deus de forma um tanto orgânica – enquanto lidam corretamente com as verdades das Escrituras e conversam com a Igreja global. Os estrangeiros não conseguem definir o que são expressões indígenas de fé em todos os lugares – daí a importância de reconhecê-las. Os indígenas locais, portanto, mantêm o poder de convidar os outros para sua experiência viva da fé. Convidam como anfitriões, não como estudantes. Esta é a essência do meu chamado para a mudança de uma missiologia impositiva para uma missiologia convidativa. É uma questão de influência.

2. Influência

2.1. Questões

Onde está a autoridade? Isso se relaciona às irritantes perguntas que me acompanharam ao longo da vida – “quem disse?” e “qual é o sentido disso?” – quem está reivindicando autoridade e qual é sua motivação? Não estou contestando séculos de crença aceita sobre os fundamentos essenciais de nossa fé, ou tolerando aberrações liberais. Estou defendendo um espaço além do código central do DNA do evangelho para permitir que uma leitura indígena das Escrituras informe a fé localizada de maneiras importantes para a dinâmica de sua realidade viva, em vez da imposição de conceitos de fora de sua

realidade que podem ou não ser relevantes. O que surge pode não parecer ortodoxo para quem está de fora, mas não é nosso trabalho fazer os outros à nossa imagem. Crentes de outras origens devem se tornar discípulos de Cristo, não nossos.

É isso que quero dizer por protagonismo local. É aceitar que os destinatários do evangelho estão no controle de sua experiência com Deus. Quando se trata de desenvolver teologia, o papel do expatriado ou estrangeiro deve ser ajudar os crentes a fazer as perguntas certas sobre Deus e as Escrituras, em vez de entregá-las com respostas formadas em um contexto completamente diferente.

Muitas vezes entendemos a contextualização como uma tentativa de moldar nossas respostas em seus conceitos culturais, em vez de permitir que a revelação emergja de dentro de suas formas únicas de conhecimento. Nesse processo, precisamos aceitar que servimos a um Deus vivo e que o Espírito Santo é bem capaz de revelar Deus e os caminhos de Deus para novos crentes em sua compreensão local muito melhor do que qualquer pessoa de fora pode fazer.

Atualmente, tem tido muita repercussão o conceito de “descentração”. Quer dizer, a aceitação de que existem várias maneiras de ver uma coisa e que nenhuma visão deve ser privilegiada ou dominar outras. Isso está relacionado ao relativismo, que argumenta contra as perspectivas absolutistas do mundo. Deixando de lado os debates filosóficos em torno de verdades absolutas ou universais, há uma humildade saudável em aceitar que existem maneiras de ver o mundo e o Deus da Bíblia diferentes da sua. Em missões aceitamos isso, pelo menos conceitualmente. Praticar é que é muito mais difícil.

2.2. Implicações

⁴ Nota do Tradutor: “Protagonismo Local” foi o título dado à tradução em razão dos objetivos específicos que levaram à sua realização. O título original em inglês é “Centering the Local”, o que poderia ser traduzido como

Ao dar a esta apresentação o título “Protagonismo Local”,⁴ optei por focar no aspecto positivo e não no negativo da dinâmica de centramento/descentração. Ao centrar o local, estou efetivamente pedindo aos estrangeiros que abram mão de seus privilégios e deem espaço para a autodeterminação local em todos os assuntos. Por toda a sua existência, o empreendimento de missões evangélicas assumiu uma condescendência implicitamente superior em relação às culturas anfitriãs. Isso é algo inerente ao impulso colonial que há muito influencia as missões. Assim, ao nos encorajar a centrar o local, procuro expor um orgulho e um domínio tácitos que não são mais tolerados em nosso mundo pós-moderno, plural e globalizado.

O protagonismo local não significa empoderamento. Empoderar é dar poder. O poder não é nosso, como estranhos, para darmos. Em vez de empoderar, precisamos tirar nosso poder da equação para criar espaço para o surgimento de iniciativas locais. Isso é o que eu pensei que poderia acontecer como resultado da crise do COVID, com o envolvimento de expatriados diminuído em missões. Se a fé é uma chama, precisamos criar espaço para que o oxigênio do Espírito de Deus a acelere. Isso requer paciência, humildade e uma orientação de servo. Exige que esperemos um convite para participar e a disposição de aceitar os termos desse convite.

Os crentes locais são os guardiões do evangelho para as suas comunidades. Como já observei, a “guarda” é um valor significativo para os povos indígenas, no sentido tribal da palavra. Em todo o mundo árabe, África, Américas, grande parte da Ásia e Oceania, os povos tribais têm uma orientação de cuidado com o bem-estar comum, incluindo o cuidado responsável com a Criação. O mesmo conceito se aplica ao conhecimento sagrado.

“Centrando o Local” e justifica a necessidade de uma nota explicativa por parte do autor, a fim de estabelecer uma distinção positiva em relação à ideia de “descentração”, recém tratada no texto.

O evangelho é um conhecimento sagrado e líderes ou anciãos reconhecidos são responsáveis por administrá-lo bem:

- para determinar como sua fé em Cristo deve se manifestar dentro de seu próprio contexto;
- para avaliar quais normas e costumes devem ser confrontados e alterados em seu cenário social, econômico e político;
- para afirmar quais práticas melhoram seus relacionamentos uns com os outros, e como a bondade amorosa e o cuidado são melhor expressos dentro de sua comunidade de fé e com seus vizinhos;
- e para discernir o que Deus tem a dizer sobre as questões críticas que os confrontam em suas vidas diárias.

A autoridade, o poder de decisão, deve estar firmemente centrado no local. Isso tem amplas implicações na forma como conduzimos missões. Para começar, traz humildade ao senso implícito de superioridade e à tendência de dominar do estrangeiro. Reposiciona este (estrangeiro) como hóspede, aluno e servo, em vez de líder, professor ou chefe. Isso diminui a influência do estrangeiro e coloca o controle firmemente nas mãos dos nativos. Como mostra a história da igreja global, este é o caminho mais seguro para que o evangelho se enraíze profundamente na cultura local e para que as expressões públicas das comunidades da aliança em Cristo se multipliquem e floresçam.

Você deve ter notado que estou pressupondo que o evangelho já foi semeado em um local específico, no qual já existem, portanto, crentes. Reconheço que esse ainda não é o caso de cerca de 5 bilhões de pessoas no mundo com pouco acesso ao evangelho. Isso requer investimento estrangeiro, mas o mais rápido possível os crentes locais devem se tornar os principais influenciadores, com a narrativa do evangelho se adaptando às formas locais de conhecimento.

Até aqui, também privilegiei o particular sobre o universal. Eu modelei minha apresentação pelos termos nativo e estrangeiro. Admito que isso pode levar a um tribalismo doentio e a um tipo de dicotomia nós-contra-eles. Você poderia estar justificado ao perguntar se eu simplesmente não desloquei o problema relativo ao centro de poder; onde antes o estrangeiro colonial dominava o nativo, agora o nativo domina o estrangeiro colonial. Sabe-se bem que o oprimido pode rapidamente se tornar um opressor implacável se tiver a oportunidade. Esta é a natureza da humanidade cheia de pecado. Este não é o caminho de nosso Senhor e Salvador. Para mitigar esse potencial, precisamos trazer o local para o universal, contrapor o indígena e o industrial, buscar a harmonia na diversidade. Para realizar nossa unidade em Cristo, precisamos falar sobre integração.

3. Integração

3.1. Imperativos

O objetivo das comunidades da aliança em Cristo deve ser harmonizar as diferenças. Isso é *shalom*. Isso é o que significa unidade. De muitas maneiras, isso fala da delicada arte de equilibrar o poder. Devido à rápida migração e integração cultural nos centros urbanos ao redor do mundo, as igrejas locais estão tendo de aprender a acomodar outras expressões culturais de nossa fé. Quanto a isso, os grupos de missões estão à frente da curva – embora não muito. A diversidade cultural dentro dos grupos missionários tem sido um ponto de pressão por algo menos de que três décadas. Antes do início dos anos 90, as missões eram dominadas pelos pressupostos da dominação industrial. À medida que a participação de missionários de novas nações de envio aumentou, aumentou também a demanda pela apreciação de perspectivas de domínio indígena. O individualismo ocidental está sendo cada vez mais desafiado pelo coletivismo do Mundo Majoritário.

As pessoas podem ser apresentadas a Cristo mais facilmente por pessoas como elas, e

podem preferir adorar com pessoas como elas – esse é o cerne do princípio da unidade homogênea de Donald McGavran –, mas a igreja nunca foi feita para consistir em bolsões hermeticamente fechados de pessoas semelhantes. Desde a primeira carta do Novo Testamento, o livro de Tiago, vemos conflito. Isso aconteceu dentro de uma igreja supostamente homogênea – uma igreja de crentes judeus. No entanto, mesmo aqui vemos diferenças no conflito, entre os que têm e os que não têm, os ricos e os pobres. Unidade fácil, com pessoas como nós, é uma miragem.

Orando por seus discípulos, que eram eles mesmos de diversas origens dentro do judaísmo, e por aqueles de nós que viriam depois deles de todas as tribos, línguas, povos e nações, Jesus pediu ao Pai que nos tornasse um. Ele disse, com efeito: “Pai, que eles sejam um – como eu estou em Ti e Tu estás em mim, que eles estejam em nós”. Desde nossas várias origens locais e expressões indígenas da fé, estamos juntos em Cristo, integrados em Deus como uma comunidade de aliança. Agora, aqui está a perspectiva missional de João 17:18-25, que estou chamando de “O Grande Compromisso”: viver essa integração para que o mundo creia e saiba que o Pai enviou amorosamente o Filho... e, por implicação, ser atraído para se juntar a nós na comunidade da aliança de Cristo. A unidade (na diversidade) é o único meio de missão que Jesus nos deu.

3.2. Implicações

Você pode ter o seu foco nos povos não alcançados, suas estratégias de plantação de igrejas e seus objetivos para tornar a Bíblia disponível em todas as principais línguas do mundo. Você pode planejar, bolar esquemas, motivar e automatizar processos com o objetivo de cumprir a tarefa de evangelização global, mas a Bíblia não nos pede para fazer isso. Claro, a história chegará a uma consumação e o evangelho do Reino *será*

pregado em todo o mundo, mas isso é uma promessa, não um objetivo. O fato de podermos ir a todo o mundo para fazer discípulos, e não apenas ministrar aos judeus, é uma libertação, não uma tarefa.

Até seu retorno, seremos testemunhas de Cristo até os confins da terra, não pelo nosso fazer, mas pelo nosso ser. Sendo um, sendo integrados na comunidade de Deus através de nossa união com Cristo, testemunhamos a realidade do Reino de Deus – *shalom*. Todo o Novo Testamento é uma cartilha sobre como devemos fazer isso em qualquer localidade. Trata-se de harmonizar relacionamentos, viver juntos, amar uns aos outros, abrir caminho para os outros e honrar os dons de Deus que cada um de nós recebeu. Nossos relacionamentos interpessoais amorosos são como vivemos na contramão de um mundo influenciado pelo pecado como um ato aceitável de adoração, onde simultaneamente aprendemos a mente de Cristo e glorificamos a Deus em nossas interações interpessoais e interculturais.

Quando cruzamos culturas e convivemos juntos em Cristo em grupos multiculturais, nosso objetivo deve ser o de sermos transformados em seres interculturais. Acredito que, em nossos dias, este é o objetivo mais elevado de um discípulo de Jesus. Crescermos como discípulos, como resultado positivo das tensões da diferença, é o que Tiago chama de maturidade. À medida que perseveramos em nossa fé, em nosso compromisso com nossa comunidade de aliança em Cristo, crescemos como crentes. Tornamo-nos mais semelhantes a Cristo. O fruto do Espírito de Deus se manifesta em nosso meio comunitário. A ética do amor do Reino-*shalom* torna-se óbvia para todos em nossos círculos sociais mais amplos.

Esta é a nossa responsabilidade missionária. É assim que o mundo vai acreditar e saber que nosso Deus reina.

Conclusão

Em nossos relacionamentos uns com os outros, devemos “ter a mesma mentalidade ou atitude de Cristo Jesus que, sendo como Deus, não considerou a igualdade com Deus algo a ser usado em seu próprio benefício; antes, ele se fez nada, tomando a natureza de servo...”

Acabei de citar, é claro, Filipenses 2:5-7. Isso resume toda a minha apresentação. Jesus era quem era. Nós somos quem somos. Os crentes locais são quem são. Todos somos livres para ser quem Deus nos fez para ser e trazer o melhor de quem somos para nossas comunidades da aliança em Cristo. Não somos livres para cooptar a identidade dos outros ou fingir que somos algo que não somos. Este é um problema que tenho com a forma como a missiologia ou enculturação encarnacional é vivida como um método de construção de relacionamentos interculturais. Estrangeiros nunca podem se tornar nativos, mas podemos nos tornar interculturais, o que aumenta, em vez de comprometer, nosso eu autêntico.

Mas Jesus, sabendo que ele era na sua própria natureza Deus, não considerou isso algo a que se apegar ou algo a ser usado em seu próprio benefício. Não. Em vez disso, realizou um processo de *kenosis*, uma rendição ou renúncia a seus privilégios em benefício de outros. Da mesma forma, temos a responsabilidade de dar espaço ou ceder um ao outro. Buscar o bem-estar um do outro. Priorizar as preferências dos outros sobre as nossas. Essa atitude permeia o Novo Testamento. É a essência da mutualidade e fala de uma comunidade conhecida por relacionamentos altamente recíprocos. Embora isso seja difícil de alcançar e impossível de sustentar na maioria das comunidades, temos a capacitação do Espírito Santo para fazê-lo em nossas comunidades da aliança em Cristo – um testemunho do poder reconciliador e transformador do evangelho.

No fundo, o que estou pedindo é uma empatia humilde, onde valorizemos formas alternativas de ver as coisas e abramos espaço para o “outro”. Particularmente, o industrial abrindo espaço para o indígena, uma vez que o industrial continua sendo o domínio de conhecimento predominante e mais influente nas missões.

Ao enfatizar o protagonismo local, estou pedindo a todos nós que honremos a graça única de Deus que recebemos de nossos respectivos contextos. Não dominar uns sobre os outros, mas submeter esses dons a serviço da comunidade e aprender uns com os outros. Ser aprendizes-servos. Co-criar nossas realidades cristãs e missionárias globais. Essa integração intercultural é minha interpretação do que alguns chamam de “colaboração radical” dentro dos ecossistemas de rede dos participantes da missão de Deus. A fim de que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Filipenses 2:10-11).

Amém.

O Dr. Jay Matenga é o autor de “Mutuality of Belonging: Towards Harmonizing Culturally Diverse Missions Groups” [Mutualidade de Pertencimento: Buscando a Harmonia de Grupos Missionários Culturalmente Diversos] e coautor de “Mission in Motion: Speaking Frankly of Mobilization” [Missões em Movimento: Falando Francamente sobre Mobilização]. Jay é o Diretor Executivo da Missions Interlink NZ e também atua como Diretor Executivo da Comissão de Missões da Aliança Evangélica Mundial.

Traduzido para o português por Carlos Xavier.